

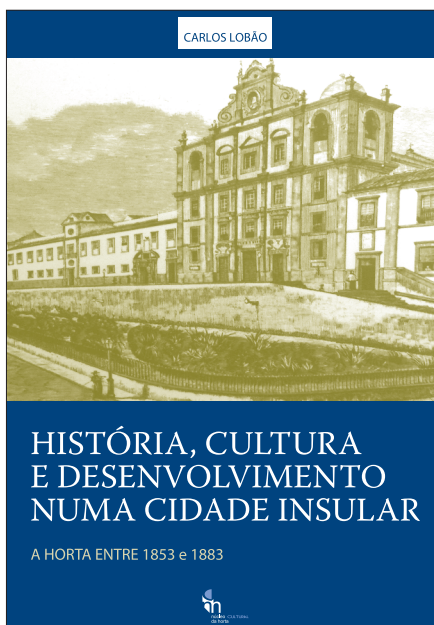
(2010) CARLOS MANUEL GOMES LOBÃO, *HISTÓRIA, CULTURA E DESENVOLVIMENTO NUMA CIDADE INSULAR. A HORTA ENTRE 1853 E 1883.*

HORTA, NÚCLEO CULTURAL DA HORTA.

Ricardo Manuel Madruga da Costa – CHAM - Centro de História de Além-Mar, Universidade Nova de Lisboa/Universidade dos Açores.

Numa louvável iniciativa que deve ser acolhida, tanto pelo seu mérito como pela sua utilidade, o Núcleo Cultural da Horta prosseguiu o seu plano editorial oferecendo a um público mais amplo a dissertação de mestrado de Carlos Lobão, apresentada à Universidade dos Açores no ano de 2008. Sublinhe-se, a propósito, o alto merecimento que instituições desta natureza prestam à comunidade ao interessarem-se por projectos editoriais que, a não serem por elas desenvolvidos, provavelmente fariam cair no esquecimento trabalhos de grande interesse no quadro da nossa historiografia. Como os leitores que se debruçarem sobre a tese de Carlos Lobão poderão comprovar, o trabalho deste produtivo historiador faialense não cumpre apenas calendário de um percurso académico destinado a alcançar o grau de mestre; constitui importante contributo no preencher de lacunas de um século XIX açoriano onde ainda abundam os espaços vazios ou, pelo menos, zonas de penumbra a pedir o labor empe-

nhado dos investigadores. Isto mesmo reconhece Carlos Cordeiro, o autor do prefácio e responsável pela orientação da dissertação agora editada. Pode dizer-se que Carlos Lobão, entre a geração mais recente, ainda que dispersando a sua atenção por temas mais associados à história local num sentido muito estrito e abarcando



do um horizonte temporal que extravasa o século XIX, tem sido um dos mais dedicados estudiosos do passado faialense, podendo olhar-se a presente obra como trabalho a assinalar uma maturidade que prenuncia, porventura, o começo de uma fase mais interessante e profícua do seu percurso. Recorde-se, entretanto, que o seu imenso labor na publicação de trabalhos certamente menos ambiciosos, avaliados talvez de forma pouco entusiasmada, terá ajudado a acumular um manancial de informação de que a tese a que lançou ombros largamente beneficiou. Depois de um prefácio e de uma elucidativa introdução, *História, Cultura e Desenvolvimento numa Cidade Insular. A Horta entre 1853 e 1883* oferece-nos essencialmente quatro capítulos a que sucede uma conclusão, apêndices e anexos, para além de úteis índices. A estrutura em que organiza as 310 páginas da obra segue o modelo habitual das dissertações, encapando-a em arranjo agradável em que a imagem da mais grandiosa das edificações do burgo faialense ressalta, com destaque para o antigo Colégio dos Jesuítas, hoje Igreja Matriz. Ao longo do livro, acompanhando o texto, algumas imagens – de qualidade muito modesta, diga-se – ilustram aspectos que o autor contempla.

Destaque-se da introdução, onde aponta objectivos e descreve o que o

leitor pode esperar deste trabalho, as balizas temporais que o autor fixou. Questão sempre controversa quando está em jogo a escrita da história, a verdade é que Carlos Lobão delimitou o período que decorre da criação do Liceu da Horta em 1853 até ao aparecimento do jornal *O Açoriano* em 1883, abarcando três décadas que, do ponto de vista da abordagem a que meteu ombros serão muito significativas. Em termos da “densidade” dos acontecimentos e iniciativas identificáveis, para além da concentração inusitada de uma poderosa e influente vanguarda com forte intervenção na comunidade faialense, com repercussões para além do universo limitado da própria ilha, Carlos Lobão fez provavelmente a melhor escolha. Sendo sempre possível ir mais longe, não esqueçamos a necessidade de ter presentes os constrangimentos que um curso de mestrado impõe no que respeita aos prazos a observar e à disciplina que os próprios orientadores exigem. Julgamos, contudo, que a data extrema de 1883 e o facto que lhe está associado poderia ter merecido um tratamento menos diluído e apenas perceptível ao longo da leitura da dissertação, como pensamos que teria sido enriquecedor incluir algumas considerações abordando o pensamento liberal que influenciou tão vivamente os protagonistas que preenchem as páginas deste trabalho.

No primeiro capítulo o autor caracteriza a Horta, não só oferecendo um breve esboço histórico de enquadramento, mas sublinhando aspectos que definem os contornos mais salientes de uma identidade, nomeadamente no que toca ao cosmopolitismo como marca de modernidade e progresso. O estatuto de cidade portuária e a sua abertura, como afirma, à “estrangeiridade” oferecem o fundamento a essa análise. A estes traços caracterizadores associa a identificação de um quadro económico fortemente adverso e explicativo, não só das fragilidades da sociedade faialense em que avulta a emigração, como das reivindicações que as autoridades apresentarão de forma persistente ao longo de décadas, sobretudo a que tem a ver com a construção de uma doca, aliás iniciada muito tardiamente. A instrução nas suas múltiplas vertentes de análise constitui o tema do capítulo seguinte. O papel das elites locais e a dinamização da imprensa colocada ao serviço da promoção da instrução e as iniciativas ligadas ao associativismo usadas com idêntica finalidade, merecem da parte de Carlos Lobão detalhada atenção. Certamente que o seu importante livro *Liceu da Horta. Memória institucional*, explicará a qualidade e o aprofundamento patente neste segundo capítulo do livro, porventura o mais inovador e o mais bem conseguido no conjunto da dis-

sertação. O terceiro capítulo desenvolve matéria crucial no quadro das opções do autor, aliás em conformidade com as intenções expressas no título escolhido. Ressalta do seu tratamento a visão sociocultural da comunidade faialense e a intervenção dos vários actores, com destaque para as iniciativas que a sua vanguarda ilustrada e disponível foi capaz de levar a cabo em favor do desenvolvimento da instrução e da cultura, sem esquecimento dos mais desfavorecidos. É também neste capítulo que o autor enaltece uma das facetas mais interessantes que podem credenciar-se a favor desta elite culta e dinâmica, que cultivava nos seus salões e nas suas agremiações o gosto das artes e das letras, tendo dado corpo a uma espantosa quantidade de iniciativas no campo do jornalismo. A acção social privada, organizada no seio da apreciável rede de associações, englobando a instrução e a assistência, é o objecto do último capítulo. Estas instituições são entendidas como alternativa única num quadro de total inoperância por parte das autoridades locais, sendo mais gritante a dramática situação dos expostos, materializada na secular incapacidade do poder municipal para acorrer à sua assistência em moldes consentâneos com um mínimo de dignidade. Por fim, uma síntese apresentando um conjunto de conclusões a dar conta

do esforço visando dar ao leitor um retrato circunstanciado do panorama sociocultural da Horta nas décadas que recobrem os anos que vão de 1853 a 1883 e seu impacto.

Segue-se a listagem das fontes e da bibliografia, sendo evidente que Carlos Lobão lançou mão de tudo quanto poderia ser-lhe útil, sem deixar de parte o simples folheto ou o mais modesto opúsculo e sem descurar bibliografia complementar, designadamente aquela que fundamenta os aspectos conceptuais tratados. A tese em apreço, em muitos aspectos, não trará revelações sensacionais em relação ao que António Lourenço da Silveira Macedo e Marcelino Lima nos legaram; traz, isso sim, a solidez de uma narrativa articulada e coerente, inequivocamente fundamentada, a que a disciplina e o método do historiador conferem credibilidade. Tam-

bém em virtude da seriedade deste trabalho, moderam-se alguns exageros que por vezes conferem à Horta os atributos de uma imaginária grandeza fruto daquilo que o autor, recorrendo a Sampaio da Nóvoa, enquadra na ideia da “amnésia do excesso” e da “amnésia da ausência”.

Seguem-se 33 apêndices e 54 anexos a que acrescenta um conjunto de índices da maior utilidade para facilitar o manuseamento do trabalho. Nos materiais aqui reunidos, a partir dos quais oferece utilíssima informação, de que devem destacar-se as biografias que compilou, bem como nas transcrições que preenchem os anexos, fica um contributo valioso que não pode deixar de registar-se como uma dádiva de generosidade intelectual digna de ser assinalada. RICARDO MANUEL MADRUGA DA COSTA